

Para tentar evitar o fechamento, governo federal assumirá a gestão do hospital. Dívidas passam de R\$ 30 milhões. Desde 27 de março, unidade não recebe novos pacientes nem faz cirurgias sem urgência

Agora é com a União

TALITA CAVALCANTE
DA EQUIPE DO CORREIO

O pequeno Pietro, 11 meses, luta pela vida. Internado há cinco meses em uma Unidade de Terapia Intensiva (UTI) Cardiopediátrica do Instituto do Coração do Distrito Federal, o bebê é uma das 120 pessoas que dependem de uma cirurgia cardíaca na unidade para sobreviver. Envolvido em um grave crise financeira, com dívidas acima de R\$ 30 milhões, o Incor-DF chegou a suspender o atendimento e as internações na semana passada. Para tentar solucionar o problema e garantir o funcionamento do hospital, o governo federal vai assumir o hospital, até então administrado pela Fundação Zerbini. "Estávamos agonizando numa UTI, e agora é como se tivéssemos sido transferidos para um leito de baixa complexidade", afirmou o diretor regional do Incor, Carlos Montenegro.

A decisão de "federalizar" a unidade hospitalar surgiu durante uma reunião ontem de manhã no Incor-DF, entre Montenegro e o presidente do Senado, Renan Calheiros (PMDB-AL), da Câmara, Arlindo Chinaglia (PT-SP), o ministro da Saúde, José Gomes Temporão, o governador José Roberto Arruda e o promotor de Defesa dos Usuários de Serviços de Saúde, Diaulas Ribeiro. Ficou decidido também que um grupo de trabalho apresentará em 48 horas um levantamento sobre a situação financeira do hospital e trará um plano de demissões.

Segundo a direção do Incor-DF, 20% dos 522 funcionários vão perder o emprego para equilibrar o número de leitos com a receita gerada. Semana passada, quatro diretores — com salários acima de R\$ 10 mil — foram demitidos. A crise no Incor-DF começou com a insolvência da Fundação Zerbini, no ano passado.

Marcelo Ferreira/CB



PIETRO, FILHO ÚNICO DE ANA MARIA, ESTÁ INTERNADO HÁ CINCO MESES NA UTI PEDIÁTRICA DO INCOR-DF: FAMÍLIA TEME O FECHAMENTO DO HOSPITAL

O governo de São Paulo decidiu, então, que a fundação não seria mais responsável pela filial de Brasília e suspendeu os repasses de verba. Além disso, a Câmara dos Deputados não renovou o convênio que mantinha e o Senado liberou apenas R\$ 2,2 milhões dos R\$ 4,5 milhões previstos.

Fundação estatal

De acordo com o ministro da Saúde, José Gomes Temporão, o grupo de trabalho também fará um levantamento sobre os recursos necessários para o funcionamen-

to do hospital. Em seguida, o governo federal assumirá o Incor-DF como unidade do Instituto Nacional de Cardiologia do Ministério da Saúde. A idéia é que o hospital se torne uma fundação estatal, com gestão moderna. O processo de transferência da unidade hospitalar para a União deve demorar entre seis meses e um ano porque é necessária a aprovação de uma lei no Congresso que permita a gestão de fundações na área de saúde. "Mesmo com a mudança, o hospital continuará mantendo vínculos de cooperação técnica,

pesquisa e capacitação de recursos humanos com o Incor de São Paulo", garantiu Temporão.

O governador José Roberto Arruda disse que federalizar o instituto é a solução mais viável para evitar o fechamento do Incor-DF. "Estamos caminhando para o término da crise. Cada um de nós se comprometeu em liberar a verba necessária à transição", comentou Arruda. Já o promotor de Defesa dos Usuários de Serviços de Saúde, Diaulas Ribeiro, afirma, porém, que exemplos anteriores condenam o governo fede-

ral como bom gestor de saúde. Principalmente no Rio de Janeiro, onde a saúde pública passou por uma crise entre 2004 e 2005 e os hospitais de Ipanema, Andaraí e Miguel Couto foram "federalizados". "O MP tem que acreditar nessa proposta, mas experiências antigas de gestão pública de hospitais pelo Ministério da Saúde nunca foram boas. Porém, não podemos ter idéia derrotista. Vamos fiscalizar o trabalho desse grupo e cobrar relatórios e prestação de contas e informações", disse Diaulas.

MEDIDAS ANUNCIADAS

● Formação de um grupo de trabalho com cinco pessoas indicadas pelo Senado, Câmara Federal, Ministério da Saúde, Secretaria de Saúde e pelo próprio Incor. O grupo tem 48 horas para fazer um levantamento geral sobre a situação das demissões e da verba necessária para manter o Incor funcionando plenamente. Os desligamentos começaram na semana passada, quando quatro diretores com salários de mais de R\$ 10 mil mensais foram demitidos;

● O gerenciamento da unidade hospitalar será de responsabilidade do governo federal. O processo vai demorar de seis meses a um ano para ser concluído;

● A gestão do Incor será feita de forma integrada entre os órgãos que compõem o grupo de trabalho;

● Compromisso de liberação de verba para a unidade brasiliense. O GDF repassou R\$ 2,2 milhões há 15 dias, e o Senado Federal destinou a mesma quantia ao Incor ontem. O dinheiro será investido em material e pagamento de pessoal, de acordo com a diretoria do instituto.

MESMO COM A MUDANÇA, O HOSPITAL CONTINUARÁ MANTENDO VÍNCULOS DE COOPERAÇÃO TÉCNICA, PESQUISA E CAPACITAÇÃO DE RECURSOS HUMANOS COM O INCOR DE SÃO PAULO

José Gomes Temporão,
ministro da Saúde

ESTÁVAMOS AGONIZANDO NUMA UTI, E AGORA É COMO SE TIVÉSSEMOS SIDO TRANSFERIDOS PARA UM LEITO DE BAIXA COMPLEXIDADE

Carlos Montenegro,
diretor regional do Incor

Crianças na fila

Desde 27 de março, o Incor-DF não recebe novos pacientes nem faz cirurgias sem urgência. No total, 120 pacientes esperam na fila, entre eles 60 crianças. É o caso do pequeno Pietro, de apenas 11 meses. Ele é o único filho de Ana Maria Ferraz Silveira, 47 anos, e nasceu com um problema no formato e no funcionamento do coração.

Há cinco meses na Unidade de Terapia Intensiva (UTI) Cardiopediátrica do Incor, junto com mais seis bebês, Pietro passa hoje pela quarta cirurgia. "Ele quase não resistiu à primeira cirurgia. Mas, com a atenção e o cuidado da equipe, correu tudo certo", lembra Ana Maria, que veio de Vitória da Conquista (BA), em busca de tratamento.

SUS

Ana Maria também está alojada no Incor para acompanhar o tratamento do filho, que deu entrada pelo Sistema Único de Saúde (SUS).

"Aqui tenho apoio psicológico, carinho, alimentação. Posso ficar perto do meu filho e ver o desenvolvimento dele", comenta. Ana Maria explica que se o Incor fechasse, várias crianças correriam sério riscos de não resistir. "É muito difícil encontrar um tratamento específico como o que se tem aqui", completa.

O Incor-DF é responsável por 80% de todas as cirurgias feitas em crianças na capital federal, além de realizar todas as operações de alta complexidade em recém-nascidos, em 2006. O chefe da Cardiologia Pediátrica, Jorge Afiune, espera regularizar o mais breve possível o atendimento de crianças. "Elas não podem esperar. Precisam de uma atenção especial. Muitas dependem de cirurgias complicadas e sofrem desde o nascimento com doenças cardíacas", explica Afiune. Outros 200 pacientes aguardam a realização de cateterismo e angioplastia.(TC)